

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

**Grupo de Trabalho 01 - Teorias Sociológicas: Desafios
Perenes e Questões Emergentes**

**A reflexividade na sociologia contemporânea: aproximações a
um conceito polissêmico**

Pedro Robertt - Universidade Federal de Pelotas

Introdução

Um conceito tem ganho força na sociologia contemporânea de forma crescente, nas últimas décadas: o de reflexividade. Dificilmente encontraremos hoje um sociólogo ou cientista social em geral que não se considere "reflexivo". Em certa medida poderíamos dizer que "todos somos reflexivos". Toda pesquisa em ciências sociais ou se define como reflexiva ou assume que a reflexividade faz parte de sua proposta investigativa. Não seria estranho que encontrásemos a palavra "reflexividade" no capítulo metodológico de uma tese ou dissertação em ciências sociais. Em uma primeira aproximação, poderíamos dizer que o conceito de reflexividade parece significar crítica ou autocrítica. Imaginamos que um sociólogo reflexivo é um cientista que está disposto a admitir as críticas e questionar permanentemente suas hipóteses bem como seu próprio processo de construção de conhecimento, ao qual poderíamos agregar que expõe seus instrumentos teóricos e metodológicos na discussão científica, para si mesmo e entre seus pares.

Se essa compreensão inicial e mais intuitiva, da reflexividade sociológica, é alentadora sobre o caráter de uma ciência que se proporia a partir disso ser aberta, crítica e não dogmática; é possível também de ser feito o seguinte questionamento: o que há de novo quando falamos de reflexividade? Ao final, toda ciência não deveria justamente se caracterizar por ser aberta, crítica e portanto não sujeita a dogmas? Além disso, não corremos o risco de cair em uma espécie de *clichê* sociológico, em uma repetição incansável e desmesurada de um termo, na qual ao final pouco de novo estamos problematizando sobre nossas práticas científicas. Até poderíamos nos questionar se não nos estaria faltando uma análise "reflexiva" do que é, ao final das contas, a reflexividade; e se efetivamente todos estamos querendo dizer a mesma coisa ou coisas semelhantes quando utilizamos esse termo. Este texto procura, então, abrir um debate sobre o conceito de reflexividade, mostrando que não existe um significado consensual e que há importantes contribuições localizadas nas diferentes vertentes interpretativas que o propõem.

Uma primeira aproximação, mostra justamente que a perspectiva conceitual dos diversos autores sobre a reflexividade sociológica não é unívoca. A reflexividade pode fazer referência, entre outros aspectos, à circularidade do conhecimento entre sociedade e ciência; à construção social que está por detrás da produção de conhecimento científico, aos valores e ambições do investigador ou ainda à necessidade de construir um tipo de conhecimento que se diferencie do senso comum.

As propostas de reflexividade nas ciências sociais

Nessa linha de análise, desenvolvemos sucintamente algumas das propostas de reflexividade que tem circulado pelas ciências sociais, e pela sociologia particularmente, nos últimos anos, e que nos permitem abrir o leque do que se tem pretendido dizer com esse conceito. Apresentamos três grandes tipos de compreensão da reflexividade sociológica, um primeiro associado à teoria da estruturação de Anthony Giddens; um segundo vinculado à prática do sociólogo, em que emergem os nomes de Alvin Gouldner e de Pierre Bourdieu; e um terceiro proposto pelo sociólogo Michael Burawoy, quem faz uma diferenciação entre ciência positiva e ciência reflexiva. Embora com tons conceituais distintos, poderíamos dizer, inicialmente, que as duas últimas propostas possuem uma maior aproximação, enquanto a primeira tem um caráter diferenciado. Neste texto, nos concentraremos mais nas duas últimas propostas (embora façamos uma referência inicial à perspectiva de Anthony Giddens), pelo fato de nos interessarmos mais pelos componentes de construção do conhecimento científico-social, que argumentaremos estão mais presentes naquelas.

Da reflexividade do agente à reflexividade do cientista

Ao tratar da proposta de reflexividade de Anthony Giddens (2007, 2009) precisa ser ressaltado, primeiramente, que se trata de uma perspectiva teórica que pretende recuperar o papel da agência humana. Para Giddens a maior parte das ações dos indivíduos é intencional, isto é, eles conhecem as razões

pelas quais as realizam. Há nessa perspectiva uma crítica tanto ao estruturalismo clássico quanto à perspectiva psicanalítica, expressa especialmente no conceito de consciência prática.

A proposta teórica desse autor coloca a sua ênfase no "caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social", de tal modo que a reflexividade não é outra coisa que a capacidade que tem os agentes sociais de observar e "calibrar" os processos sociais dos quais fazem parte. O que está em jogo aqui é a reivindicação da competência cognoscitiva do agente, o qual pode interpretar o que está acontecendo, inclusive, dirá Giddens, mentindo.

A proposta de Giddens é herdeira da perspectiva etnometodológica, inaugurada por Garfinkel, décadas atrás. A etnometodologia, segundo esse último autor, consiste em analisar os métodos que os indivíduos utilizam na vida cotidianamente no desenvolvimento de suas práticas. Trata-se de perceber como esses métodos possibilitam que aqueles tornem suas ações racionais e comunicáveis. A reflexividade, então, é um traço singular das ações dos indivíduos, caracterizado pelo conhecimento que o senso comum possui das estruturas sociais (GARFINKEL, 2006, pp 13-14).

Contudo como indicamos, no início deste artigo, não é esta a perspectiva que mais nos interessa para o debate que estamos trazendo aqui. Tanto Garfinkel como Giddens, posteriormente, tratam do conceito de reflexividade para outorgar um lugar mais adequado aos agentes na vida social, o que tinha sido negligenciado pela teoria sociológica, principalmente a partir das correntes estruturalistas e funcionalistas. Suas análises sobre a reflexividade são importantes para toda perspectiva científico social que vise recuperar o papel do agir humano. Contudo, na nossa análise nos concentraremos na reflexividade como uma condição do sociólogo. Nossa breve introdução à reflexividade dos agentes em Giddens e antes em Garfinkel, nos serve de ponto de partida para que possamos nos concentrar naquela que é motivo deste artigo, na próxima seção.

Uma primeira aproximação a essa leitura pode ser dada a partir de Martyn Hammersley e Paul Atkinson (1994), sociólogos britânicos que chamam a atenção para o fato de que pensar a reflexividade é reconhecer que somos parte do mundo social que estudamos. É claro que tal advertência só pode ter

um caráter aproximativo e insuficiente para caracterizar a reflexividade. Muitas perspectivas de análise poderiam assumir, por exemplo, uma crítica ao positivismo clássico e sua divisão intransigente entre sujeito e objeto de conhecimento e, ainda assim, poderia ser questionado se estamos diante de uma proposta reflexiva. Uma outra forma de se aproximar é feita por Pierre Bourdieu, através da definição etimológica da reflexividade. Bourdieu (2008a) nos lembra que reflexividade tem sua origem em *reflectere*, significando dobrar-se para atrás, e que no seu uso científico adquiriria o sentido da ciência dobrando-se sobre se mesma.

Gouldner: introdução a uma sociologia reflexiva

Na perspectiva de uma ciência que se "dobra sobre se mesma" é pioneira a discussão apresentada por Alvin Gouldner, em 1970, em um livro intitulado "A crise da sociedade ocidental". No último capítulo do livro, "A vida de um sociólogo: para uma sociologia reflexiva", por primeira vez um sociólogo se colocou a questão da reflexividade, explicitamente, como um tema relevante da prática científica. Após questionar outras teorias sociológicas, particularmente a teoria estrutural-funcionalista parsoniana, Gouldner chama atenção sobre a necessidade do sociólogo questionar sua própria obra do mesmo modo que questiona a dos outros. A primeira questão colocada por esse autor é de que se podemos fazer questionamentos às obras dos outros também deveríamos poder fazê-los às elaboradas por nós mesmos. Gouldner chega a esta reflexão de forma dubitativa, manifestando inquietações e possíveis omissões ou mesmo desonestidade intelectual. Falando em primeira pessoa, nos coloca:

(...) acredito que, tendo dedicado tanto tempo a expor os pressupostos da obra de outros, devo fazer o mesmo com a minha. Presumivelmente, agora deveria poder dissecar a mim mesmo, sem me defender nem me auto-castigar, deveria esboçar meus principais pressupostos com modéstia e coerência, talvez avaliá-los. Mas acredito também que uma tentativa semelhante está condenada ao fracasso. Ninguém pode ser seu próprio crítico, e quem o pretenda promete muito mais do que realmente quer oferecer. Contudo, é possível obter algum conhecimento de si mesmo, e se procuro indagar os meus pressupostos operativos –ainda que prevenindo contra a inevitável deformação e o caráter

incompleto de tal tentativa- talvez consiga facilitar a tarefa de meus críticos (GOULDNER, 2001, p. 437¹).

Embora Gouldner veja o empreendimento como fadado, de certa maneira, ao fracasso, não desiste na sua tentativa de construção de uma sociologia reflexiva. O autor passa a se questionar se o que "viu pelo mundo da sociologia" não seria uma espécie de projeção de ambições, desejos e justificativas valorativas associadas a sua própria existência. Em uma leitura inicial poderíamos cogitar se não há algo de positivismo embutido na sua perspectiva, colocando sua preocupação sobre as interferências subjetivas que talvez deveriam ser afastadas para obter um conhecimento objetivo. No entanto, não é esse o caminho pelo qual Gouldner quer nos levar. Assim, argumenta que todos esses elementos, que estão vinculados à experiência social do sociólogo, não conduzem necessariamente a uma deformação ou falsidade da realidade. A experiência social do autor não nos leva à descoberta de uma ilusão em sua obra, pois esta só poderá ser avaliada dentro dos parâmetros da ciência, diz Gouldner. Mas podemos nos questionar então que é o que vamos buscar na experiência social de um autor, ao que Gouldner responderá: a *compreensão* de sua obra. Basta lembrar da trajetória biográfica dos autores clássicos e suas obras, agregamos aqui, para compreender o entrelaçamento que pode ser registrado entre experiência social e obra sociológica. Gouldner via, nos anos setenta do século XX, alguns avanços em direção de uma sociologia reflexiva, no surgimento de sociologias ocupacionais e da ciência, que podiam ser complementados à sociologia do conhecimento do início desse século. Um dos principais esclarecimentos que já nos trazia nosso autor é o de que a sociologia reflexiva não é uma nova especialização. A sociologia reflexiva é uma característica da sociologia, é uma sociologia da sociologia, como será reivindicado também mais adiante por Pierre Bourdieu.

Ainda para Gouldner a sociologia reflexiva tem uma "missão histórica" que é a de transformar o sociólogo, fazendo com que ele ganhe novas sensibilidades e reconheça uma consciência que tem a ver com a historicidade. O autor reivindica, de algum modo, o caráter humano do sociólogo, afirmando

¹ As citações do texto de Alvin Gouldner são de Kátia Pereira e Ana Pereira González, com revisão do autor.

que se trata de ver a situação do sociólogo e a sua situação no mundo. Nada mais afastado de uma posição positivista, a ser defendida por Gouldner, pois o sociólogo não é uma espécie de homem diferente aos demais (o que o autor chama de crítica ao dualismo metodológico). Em um momento histórico, com o avanço da segunda metade do século XX, em que começa a se reivindicar o conhecimento como compreensão (Chizzoti, 2014), seguindo a escola filosófica e sociológica alemã, Gouldner questiona o fato das ciências naturais definirem o conhecimento científico como informação (e portanto controle da natureza). Nessa linha de raciocínio, Gouldner propõe um programa de uma sociologia reflexiva, que deveria incorporar: a realização de pesquisas empíricas, o aprofundamento da consciência do sociólogo, a construção de instrumentos válidos e confiáveis do mundo social e uma consciência metodológica e técnica.

Temos na proposta de Gouldner, um primeiro passo importante para a construção de uma sociologia reflexiva. Porém, se ele propôs uma sociologia reflexiva que chamasse a atenção sobre a necessidade de discutir não apenas as teorias dos outros, mas também nossos próprios pontos de vista teóricos, foi pouco o que avançou, efetivamente, sobre o questionamento de sua própria obra. Contudo nos oferece, também, alguns pontos de partida fecundos, como a tese de que toda obra teórica divide o mundo social em um mundo permitido e outro proibido, que todo sistema social tende a cercear a autonomia do sociólogo, que no caso estadunidense muitos sociólogos se transformam em tecnólogos liberais que trabalham dentro de um estado de bem-estar bélico e promovem uma imagem otimista da sociedade norte-americana, que existem sociólogos burocráticos e sociólogos reflexivos, que é preferível correr o risco de terminar sendo deformado por nossos valores que começar sendo deformado por uma pretensa exclusão dos valores, da criatividade e sensibilidade histórica. Finalmente, precisa ser reconhecido que Gouldner estabelece uma diferença com a sociologia do conhecimento clássica que encontrava determinações sociais nas fronteiras externas ao conhecimento científico. Para ele, um avanço na proposta de sociologia reflexiva consistiria não apenas no questionamento das forças externas mas também daquelas mais próximas que rodeiam o sociólogo.

Uma sociologia reflexiva ou sociologia da sociologia se baseia, ao contrário, em um tipo diferente de experiência: aquela que nos adverte que as forças que a estão levando a trair seus compromissos não são somente externas à vida intelectual senão *internas* a sua própria organização social e inseridas em sua subcultura específica (GOULDNER, 2001, p. 462).

Gouldner avançou na construção de uma sociologia reflexiva propondo o autoexame sociológico. Porém, não será ele quem levará adiante um programa reflexivo sociológico, mas sim um intelectual e pesquisador que vinha do outro lado do Atlântico, o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Apesar de chamar a atenção para uma sociologia da sociologia ou dito de outra maneira para o fato de que a sociologia para ser considerada como tal precisa ser reflexiva, Gouldner não levou adiante seu próprio programa.

Bourdieu: um programa e quatro tipos de reflexividade

Em relação a Bourdieu, o primeiro que precisa ser colocado é que a reflexividade está de algum modo no centro de sua obra (Gingras, 2007), chegando de algum modo a ser uma obsessão (Wacquant, 2008). Porém, como bem nos informa Gingras o conceito propriamente de reflexividade não esteve presente nas primeiras obras de Bourdieu. As primeiras discussões epistemológicas de Bourdieu (2007), com forte influência bachelardiana, chamavam atenção para conceitos como os de vigilância epistemológica ou sociologia espontânea e científica, e não para o caráter reflexivo da sociologia. Estava mais preocupado com a sociologia do senso comum ou com o senso comum quando se disfarça de sociologia do que com o autoexame reflexivo. Claro que podemos encontrar em trabalhos e conferências, particularmente dos anos setenta do século passado, o aparecimento de expressões que mostram a importância da reflexividade, mas que ainda não adquirem essa denominação. Gingras (2007), justamente, percebeu que o conceito de reflexividade é muito pouco usado por Bourdieu até a década do noventa do século passado.

Gingras (2007, p. 239-240)² foi quem percebeu que o "(...) caráter reflexivo de sua obra se reflete no uso de formulações que sugerem explicitamente uma forma de circularidade: sociologia da sociologia, sociologias de mitologias e mitologias de sociólogos, quem tem criado os criadores, sociólogos da crença e crença de sociólogos, etc."³ O mais interessante na perspectiva bourdesiana é a proposição de uma tipologia da reflexividade sociológica. Nesse sentido, podem ser identificados quatro tipos de reflexividade⁴. O primeiro tipo refere às determinações do espaço social no sentido amplo, isto é, à posição e a trajetória do sociólogo. Podem ser rastreadas aqui variáveis sociais estruturais tais como classe e escolaridade. Segue a tradição da sociologia do conhecimento, o que implica que é necessário estar alerta para as condições sociais de produção do conhecimento sociológico vinculadas a essa esfera social mais ampla.

O segundo tipo de reflexividade está associado à posição que ocupa o sociólogo dentro do microcosmos acadêmico. Neste tipo, é preciso considerar tanto as instituições como as disciplinas que constituem o campo acadêmico. Existem interesses e lógicas próprias neste campo mais próximo do sociólogo e que exercem sua influência nele. Até aqui poderíamos dizer que estão presentes dois tipos de reflexividade para os quais chamava atenção Alvin Gouldner, visto que como foi referido este último autor questionava na sociologia do conhecimento clássica a ausência dos universos sociais mais próximos do sociólogo.

Um terceiro de reflexividade refere ao olhar crítico sobre nossas categorias de conhecimento. Trata-se da projeção que fazemos inconscientemente no mundo das categorias teóricas (o olhar escolástico). É uma vigilância epistemológica que já não está centrada nos outros, mas em nós mesmos. Pode ser considerada como aquele ponto de partida do qual nos falava Alvin Gouldner, ao introduzir a discussão sobre a sociologia reflexiva.

Um quarto tipo de reflexividade remete aos pressupostos que estão

² Tradução do autor.

³ É o *feedback* de Bourdieu com a circulação internacional de sua obra o que faz com que o termo reflexividade se introduza de forma crescente nos seus escritos (Gingras, 2007).

⁴ Nos escritos de Bourdieu (2008a, 2008b) e de Wacquant (2008b) se enumeram três tipos de reflexividade. A leitura desses textos nos sugere a possibilidade de falarmos em quatro tipos, como é argumentado a seguir.

inscritos nos instrumentos de pesquisa, nas operações práticas, nos métodos e nas problemáticas de pesquisa. Mais uma vez, Gouldner também chamou atenção para uma reflexividade atenta aos métodos e técnicas, mas cumpre ressaltar que se manteve em uma formulação genérica, sem aprofundá-la.

Cabe salientar, que nas diversas obras consultadas, Bourdieu chama atenção para três tipos de reflexividade. Enquanto os primeiros dois tipos se mantêm presentes, os dois últimos se entrelaçam ou são destacados unilateralmente. Aqui preferimos separá-los analiticamente, chegando a quatro tipos, para diferenciar tanto a reflexividade que precisamos ter, de acordo com a perspectiva bourdesiana, não apenas com os nossos conceitos teóricos mas também com todas as nossas operações práticas de pesquisa. Separar analiticamente a reflexividade dos conceitos teóricos daquela que refere às operações práticas é reconhecer uma preocupação constante, de Bourdieu, pelo exame crítico de todo o processo de pesquisa. Este é um aspecto sobre o qual este autor decisivamente avança sobre a proposta original de Gouldner.

Outro aspecto sobre o qual avança e é necessário ser destacado é sobre as possibilidades da reflexividade sociológica. Se para Gouldner existiam dúvidas e inquietações sobre a possibilidade de reflexividade do sociólogo, a resposta encontrada por Bourdieu é de que a reflexividade não é individual, só pode ser coletiva. Ela é resultado de um processo coletivo de pesquisa. Lois Wacquant (2008), avaliando a proposta de Bourdieu, nos fala da criação de *habitus* científicos reflexivos e instituições reflexivas.

Finalmente, tem que ser destacado que há em Bourdieu um exercício efetivo da reflexividade sociológica (ausente por completo em Gouldner). Em vários momentos de sua obra observamos esta reflexividade, como quando se questiona seu papel científico em uma obra em que pesquisa o seu próprio universo social, o campo acadêmico:

Colocado diante do desafio que representa o estudo de um mundo ao qual se está ligado por todas as formas de investimentos específicos, inseparavelmente intelectuais e "temporais", só se pode sonhar primeiramente com a fuga: a preocupação em escapar da suspeita de tomar partido leva a um esforço para desaparecer como sujeito "interessado", "prevenido", antecipadamente suspeito de pôr as armas da ciência a serviço dos interesses particulares, para se anular

como sujeito conhecedor recorrendo aos procedimentos mais impessoais, mais automáticos e portanto, ao menos nesta lógica, que é a da "ciência normal, mais indiscutíveis (BOURDIEU, 2013, p. 26-27).

De modo semelhante, aparece a reflexividade em *Esboço de Auto-análise* (2005), ao tentar aplicar os instrumentos disponíveis pela sociologia para explicar sua própria trajetória intelectual. Antes que um relato autobiográfico, encontramos nessa obra um exercício reflexivo de expor a construção de suas disposições intelectuais no marco de sua experiência social.

Burawoy: ciência positiva vs. ciência reflexiva

O sociólogo Michael Burawoy apresenta uma proposta original sobre a ciência reflexiva. Cabe ressaltar que sua perspectiva diferencia-se das colocadas por Gouldner e Bourdieu, embora possa se afirmar que está mais próximo deles do que do Giddens. Sua perspectiva é resultado das suas pesquisas etnográficas, nas quais se viu levado a questionar o modelo de ciência dominante. Para Burawoy (2014, p. 42), o método de caso ampliado que desenvolve nas suas pesquisas representa uma aplicação da ciência reflexiva à etnografia. Em um diálogo entre o método etnográfico e a ciência, o primeiro implica "o relato sobre o mundo do ponto de vista da observação participante" enquanto o segundo refere às "explicações demonstrativas e generalizáveis dos fenômenos empíricos" (BURAWOY, 2014. p. 45-46). Há uma nova dualidade metodológica - diferente da postulada por Gouldner "em que coexistem dois modelos de ciência: a positiva e a reflexiva" (BURAWOY, 2014. p. 62). Para Burawoy:

Onde a ciência positiva propõe isolar o sujeito do objeto, a ciência reflexiva elege o diálogo como seu princípio definidor e a intersubjetividade entre participantes e observadores como sua premissa central. Isso une o que a ciência positiva separa: o participante e o observador, o conhecimento e o contexto social, a situação e a sua posição no campo, a teoria popular e a acadêmica. Os princípios da ciência reflexiva podem ser extraídos dos efeitos de contexto que aparecem como obstáculo à ciência positiva (2014, p. 62-63)

A ciência positiva ou positivista, na análise de Burawoy, não difere muito do que já conhecemos sobre ela. Com sua referência fundadora em Augusto Comte, o positivismo propõe a sociologia como uma substituta da metafísica, a qual fica encarregada de formular as leis naturais da sociedade. Na pretensão de produzir ordem no caos, a sociologia foi em seus inícios, segundo Burawoy, ao mesmo tempo ciência e ideologia. Mas, o que é interessante na formulação do nosso autor é que o positivismo não descansa incólume no século XVIII. Ele permanece ativo, nos tempos atuais, no que ele denomina uma versão sóbria do positivismo chamada ciência positiva, e que mantém como premissa um sujeito separado de um mundo externo fatível de ser pesquisado de forma independente. Assim, distanciamento, estranhamento e isolamento caracterizam o pesquisador positivista que analisa o mundo social ou natural.

Nessa análise, Burawoy recupera a distinção, formulada originalmente por Jack Katz (1983), dos quatro R que constituiriam a ciência positiva, em termos de quatro "prescrições dogmáticas". De acordo com o último autor os 4 R são: o princípio de *reatividade*, que consiste em evitar distorcer os mundos que o cientista estuda; o princípio de *regularidade*; no qual o mundo externo se apresenta como uma multiplicidade infinita e devido a isso precisamos de critérios teóricos que nos permitam fazer a seleção dos dados; o de *replicabilidade*, que garante que o "código" que selecionamos não seja ambíguo e permite que qualquer cientista possa repetir a experiência levada a cabo por outro cientista; e o de *representatividade*, que diz respeito a que a parte do mundo que pesquisamos represente o todo ao que estamos fazendo referência.

Cabe ressaltar que Katz aplica esses princípios à metodologia qualitativa, a partir da proposta da indução analítica. Porém, onde Katz enxerga princípios a serem aplicados ou adotados, Burawoy percebe dogmas que podem ser ultrapassados desde a perspectiva da ciência reflexiva. As pesquisas etnográficas de Burawoy, principalmente em Zâmbia, mostram uma ciência que não segue os cânones estabelecidos pelos quatro Rs positivistas ou, como disse o nosso autor, "os desrepeitam". O espaço aqui é curto para desenvolver como essas experiências de pesquisa não se ajustam ou adaptam aos quatro "Rs" positivistas. Contudo, sinteticamente, vale a pena mencionar

que a observação participante - central na pesquisa etnográfica - implica uma imersão no campo de pesquisa e obtém o conhecimento a partir de um contato que não se baseia na não reatividade; de modo semelhante a pesquisa vai mudando de foco a medida que se avança, não se atendo a critérios teóricos imutáveis; a possibilidade de replicar uma pesquisa sociológica depende do observador, pois segundo as suas características sociais obterá diferentes tipos de informação (no caso do Burawoy homem branco, recém-formado numa universidade britânica); e ,finalmente, podem-se procurar generalizações com outros tipos de abordagens metodológicas que não estejam baseadas na representatividade.

Burawoy argumenta que a ciência positiva também não cumpre com os próprios requisitos que se propõe, sendo um dos problemas maiores a dificuldade para evitar o contexto da pesquisa. Particularmente, os pesquisadores quantitativistas "passam sua vida tratando de limitar o contexto" quando, para o nosso autor, o contexto não é um ruído a ser afastado mas sim a própria realidade social.

Em uma contraposição analítica, Burawoy propõe que a ciência reflexiva, como se adiantou na citação acima, una o que a ciência positiva separou: participante e observador; conhecimento e contexto social; situação e posição no espaço e teoria popular e acadêmica. Para isso, propõe quatro princípios que constituem a ciência reflexiva e que se opõem um por um aos princípios positivistas dos quatro R: primeiro, o princípio de *intervenção* (questiona o problema da reatividade) que revela a condição ou situação do entrevistado; segundo, o *processo* (remete ao problema da regularidade), que implica o acompanhamento aos participantes temporal e espacialmente, em que o conhecimento é situacional e está em constante fluxo; terceiro, a *estruturação* (remete ao problema da replicabilidade), que implica que o campo tem sua própria dinâmica para além das categorias dos cientistas (lembra a reflexividade das categorias de Bourdieu); e quarto, a reconstrução teórica (remete ao problema da representatividade), em que é possível chegar à generalização sem passar pela representatividade estatística.

A proposta de Burawoy, apresenta-se como inovadora para o debate sociológico sobre a reflexividade, na medida que é o autor que questiona - no nosso entendimento - com mais ênfase a ciência positiva ou positivista. Na próxima seção de reflexões efetuamos algumas aproximações conceituas entre as perspectivas que enfatizam a reflexividade da prática científica.

Algumas reflexões sobre a reflexividade

Tomando como ponto de partida a polissemia do conceito de reflexividade, foi apresentado, neste texto, uma visão panorâmica de parte da literatura sociológica com ênfase em quatro autores: Giddens, Gouldner, Bourdieu e Burawoy. Notamos que existem três abordagens contemporâneas da reflexividade na sociologia: uma primeira, na qual predomina a análise da capacidade dos atores sociais para refletir sobre a sua prática, que pode ser observada em autores como Anthony Giddens, com antecedentes na obra de Harold Garfinkel; e uma segunda, que fica delimitada à própria prática de pesquisa dos cientistas e pesquisadores, que é vinculada em anos recentes ao sociólogo Pierre Bourdieu (2008a, 2008b), mas com fortes antecedentes principalmente em Alvin Gouldner (1970). A perspectiva desta última vertente, pode ser também definida como uma "sociologia da sociologia". Alvin Gouldner avaliava, nos inícios da década de 1970, que a missão histórica de uma sociologia reflexiva é a de que o sociólogo mesmo se transforme como indivíduo, ou seja, que passe a ter uma consciência científica em termos da historicidade de sua análise do mundo social. Já para Pierre Bourdieu, na medida em que a ciência se toma a si mesma como objeto de estudo, precisa utilizar suas próprias armas teóricas e metodológicas para compreender melhor o conhecimento produzido. Por sua vez, Loic Wacquant, em uma linha de interpretação que segue ao último autor, postula a necessidade da reflexividade sociológica na construção de uma teoria crítica da sociedade. Nos sentidos dados por estes últimos autores a sociologia reflexiva não é uma parte ou uma especialidade da disciplina sociológica. Em certa medida, é colocado o seguinte imperativo epistemológico: "toda a sociologia precisa ser reflexiva", quer dizer, colocar permanentemente sobre discussão seus próprios

pressupostos de pesquisa bem como o processo de construção do conhecimento produzido. Uma terceira proposta emergiu no nosso trabalho, qual seja a do Michael Burawoy. Ela se distingue por confrontar a ciência reflexiva à ciência positiva, sendo a primeira por ele defendida. Retornam, na sua perspectiva, críticas ao positivismo desenvolvidas nas últimas décadas desde vários lugares. Contudo, podemos extrair da análise de Burawoy que o positivismo continua presente, nos dias atuais, às vezes poderíamos dizer sub-repticiamente em nossos próprios processos de pesquisa. Justamente, poderíamos nos questionar até onde nossas preocupações quotidianas são herdeiras - talvez obsessivamente - com questões como a reatividade, a regularidade a replicabilidade, e a representatividade de nossas pesquisas. A reflexividade, em Burawoy, torna-se então a possibilidade de reconstruir os processos sociais desde princípios que, de algum modo, estão mais próximos dos sujeitos (não objetos) que estudamos.

Ao fazer um paralelismo entre as últimas formulações apresentadas neste texto, surge Alvin Gouldner no início da década do setenta do século passado, propondo uma reflexividade que apontasse para a necessidade do cientista observar seu contextos mais amplos e mais próximos de pesquisa bem como questionasse seus procedimentos teóricos e metodológicos. Posteriormente Bourdieu sistematizou vários tipos de reflexividade que aparecem associados às preocupações do primeiro autor. Universos sociais amplos e mais próximos, verdades escolásticas e procedimentos concretos da pesquisa conformam um quadro mais preciso da reflexividade. Argumentamos que Burawoy não discordaria em forma decisiva da reflexividade nesses autores. De fato, a diferença entre ciência reflexiva e ciência positiva pode ser comparada com a crítica que Gouldner faz ao positivismo (focado na questão da neutralidade axiológica) a partir de uma sociologia reflexiva. Nesse ponto, parecem estar mais próximos estes dois autores entre eles que com Bourdieu, adquirindo em Burawoy uma crítica que nos faz refletir sobre o fato do positivismo estar mais próximo dos nossos processos de pesquisa do que imaginamos. Por sua vez, podemos estabelecer, entre outras, uma ponte entre a vigilância com nossas categoria teóricas ou verdades escolásticas em Bourdieu e o princípio de estruturação em Burawoy, que ressalta que o campo

de pesquisa tem sua própria dinâmica para além de nossas das categorias conceituais. Já a distinção deste último à situação e posição no campo parece ser uma referência explícita a Bourdieu, com o qual de fato propus um diálogo explícito (2010).

Para finalizar, novos desafios precisam ser colocados para construir um conhecimento que considere mais os sujeitos de nossas pesquisas, seguindo a Burawoy, bem como fuja da reflexividade narcicística que alguma vez Bourdieu (2008a, p. 124) questionou. Esta última nos leva, aliás, mais em direção à autocomplacência do que à crítica de nossos processos de construção de conhecimento. Um antídoto contra essa autocomplacência está em transformar, cada vez mais, a reflexividade em uma empresa coletiva antes que individual.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Homo academicus. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Para uma sociologia da ciência. Lisboa: Edições 70, 2008a.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBORDERON, Jean-Claude.; PASSERON, Jean-Claude. Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. La sociología como socioanálisis. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. Una invitación a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina. 2008b. p. 9-108.

BURAWOY, Michael. Marxismo sociológico. Quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. São Paulo: Alameda, 2014.

BURAWOY, Michael. O marxismo encontra Bourdieu. Campinas-SP: Editora da Unicamp. 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis-RJ: Vozes. 2014.

GARFINKEL, Harold, Estudios en etnometodología. Barcelona: Anthropos, 2006

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIDDENS, Anthony. Las nuevas reglas del método sociológico. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

GOULDNER, Alvin. La crisis de la sociología occidental. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

GINGRAS, Yves. Reflexividad y sociología del conocimiento científico. In: Pierre Bourdieu sociólogo. CHAMPAGNE et al (Orgs). Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. Etnografía Métodos de Investigación. Paidós, Barcelona 1994.

WACQUANT, Loic. Hacía una praxeología social: la estructura y la lógica de la sociología de Bourdieu. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. Una invitación a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina. 2008. p. 21-90.